

ANEXO I

Curso de Aperfeiçoamento, para os inspetores escolares, "Assistentes Técnicos de Ensino" publicado na Revista do Ensino, n. 35, p. 73-130, julho de 1929.

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO

PARA ASSISTENTES TÉCNICOS DO ENSINO

Segunda-feira, 17 de junho, installou-se no edificio da Escola Normal Modelo, nesta Capital, o curso de aperfeiçoamento para os candidatos habilitados no recente concurso de assistentes técnicos do ensino.

Previamente, reuniram-se os professores do curso, sob a presidência do sr. dr. Mario Casassanta, inspector geral da Instrução, sendo discutidos os programas e concertadas varias medidas para o bom funcionamento das aulas.

A ALLOCUÇÃO DO SR. INSPECTOR GERAL DA INSTRUÇÃO

O acto de inauguração dos trabalhos, effectuado ás 9 horas, consistiu de uma suggestiva allocação do dr. Mario Casassanta, que explicou o fim do curso e estabeleceu as linhas geraes de sua organização. O orador accentuou, de início, que o curso de aperfeiçoamento se destina a fornecer aos novos inspectores direcções para uma assistencia efficiente. Dada a carencia de técnicos que se observa entre nós, — o que se prouve cabalmente com o primeiro concurso processado na vigencia da Reforma — tornou-se necessario, ao se cuidar da realização do segundo, simplificar sobremaneira as suas provas, de modo a at-

tender mais ás aptidões do que á cultura dos possíveis candidatos. Foi o que se fez e, agora, escolhidos dezoito dentre os concorrentes que se apresentaram, atra-vés de provas que lhes testemunharam, a um tempo, a cultura geral e as aptidões pedagogicas, inicia-se o curso sob os melhores auspícios.

Elle não pretende formar técnicos, o que seria impossivel, dado o curto espaço de tempo em que funcionará, mas tão somente, como o orador já havia lembrado, apontar direcções, indicar livros e, principalmente, definir certos conceitos basicos da educação, como sejam: o interesse, a disciplina, o methodo, conceitos estes por si sós capazes de transformar a velha orientação do ensino.

Não seria razoavel, com effeito, esperar encontrar técnicos de ensino em nosso meio, o que equivaleria a suppor a existencia de uma organização de ensino anterior, habilitada para fornecel-os. Technicos, só os teremos, de facto, com o desenvolvimento logico da actual organização, e a Escola de Aperfeiçoamento, que ali está a funcionar, ha mezes, com excellentes fructos, não tem outro objectivo sinão o de formar os para o provimento da directoria dos grupos escolares, das cadeiras das Escolas Normaes e dos cargos de inspecção. A missão do curso ora intentado é apenas a de iniciar um grupo de moços provadamente aptos, os mais

delles vindos do magisterio, nos princípios da reforma da instrução, devendo essa obra ser continuada, regularmente, através de publicações diversas e de outros cursos (os de férias, por exemplo), como também de reuniões periódicas, promovidas pela Inspectoria Geral e já previstas no Regulamento.

Por enquanto, o que se faz mister é que nos improviseemos em técnicos de ensino, pois que o momento não comporta vacillações, nem é possível que esperemos por todo um período de dois annos para os recebermos perfeitos e preclaros, como a Escola de Aperfeiçoamento nol-os promette.

Exemplo dessa improvisação, nós o temos na figura impressiva do nosso illustre chefe dr. Francisco Campos, secretario do Interior, que, com o espirito inteiramente voltado para outra ordem de cogitações, estudou em breve espaço todos os aspectos do problema educacional em Minas e traçou es- ses dois monumentos que são os regulamentos do ensino normal e primario, os quaes compediam tudo o que de melhor e maior se cogitou sobre o assumpto.

Concluida a sua brilhante posição, o dr. Mario Casasanta dirigiu um apello aos que se inscreveram no curso, para que, pelo estudo intensivo, tirassem o melhor proveito desses dois mezes de estudo, apparelhando-se, destarte, para bem desempenhar o papel que lhes cabe na propagação e execução dos principios da Reforma.

A ORGANIZAÇÃO DO CURSO

O curso de aperfeiçoamento comprehende um estudo quanto possível completo da methodologia, dividido em tres partes.

Na primeira, que ficou a cargo da professora Lucia Schmidt Monteiro de Castro, do corpo docente da Escola de Aperfeiçoamento, passa-se em revista a organiza-

ção pedagogica, isto é: A escola e sua função — A nova organização de ensino — O predio, o mobiliario, o material peculiar a cada materia — Os programmas e sua interpretação — Horario — Organização das classes — Frequencia e meios de incentival-a, livros didacticos, etc.

O estudo da segunda parte, de que se encarregou a professora Benedicta Valladares, da Escola Normal Modelo, abrange a conceituação da educação e os problemas dorsaes da methodologia (interesse, methodo, disciplina, etc.).

Constituem objecto de estudo da terceira parte, a cargo da professora Amelia de Castro Monteiro, da Escola de Aperfeiçoamento, as instituições escolares contempladas ou não no nosso Regulamento primario. Focalizam-se, entre outros, os temas seguintes: A socialização da escola — Auditorium, como organião — Clubs, sua organião e fins — Jornaes e outras publicações — Excursões, como preparal-as — Biblioteca, modo de organião-a e dirigil-a — Museu — Comemoração das festas nacionaes — Conselho escolares — Associação das Mães de Família e todas as iniciativas de assistencia, como: caixa escolar, cantinas, copo de leite, sociedades cooperativas, etc., com um estudo particularizado da nutricao. Incluem-se ainda neste rol todas as instituições que tendam a elevar o nivel mental e moral do professorado, tales como: dia de leitura, reuniões periodicas do corpo docente, discussão de theses pedagogicas, conferencias, li- ga de professores, etc.

Além deste, ha um outro curso de methodologia especial de arithmetica, pelo dr. Edgard Renault Coelho, director da Escola Normal, e outro de methodologia de lingua portuguesa, pelo professor Firmino Costa, director tecnico do Curso de Applicação. O professor Renato Eloy de Andrade, inspector de educação phy-

sica do Estado, faz um curso de sua especialidade.

O dr. Mario Casasanta, inspector geral da Instrução, que está dirigindo pessoalmente os trabalhos, professa, ainda, um curso de legislação escolar, orientando os novos assistentes sobre o cumprimento das attribuições regulamentares referentes a assistencia tecnica, e um outro de historia da educação.

De accordo com a orientação que s. exc. vem dando ao curso, os professores fazem, por escrito, o resumo de suas aulas, que em seguida é publicado pelo "Minas Geraes" e, agora, pela "Revista do Ensino".

Damos abaixo os resumos das primeiras aulas professadas.

METHODOLOGIA

1.ª AULA

Generalidades

Antes de desenvolver o seu programma, a professora Benedicta Valladares quiz conceituar bem a educação, como desenvolvimento integral dos alumnos, sob o ponto de vista physico, intellectual e moral.

Tal conceito não é novo, mas a sua pratica ainda não se fez entre nós. O que entre nós ainda predomina não é o desenvolvimento, mas a imposição de informações. É uma instrução á força. A attitudede dos alumnos, si o conceito da educação-desenvolvimento fosse bem entendido e applicado, não seria a attitudepassiva que se observa em nossas aulas e assim servia a organião geral da instrução, nos seus mais varios aspectos, se modificaria radicalmente.

Exemplo disso é o mobiliario: uma serie de carteiras, bem alinhadas, onde a posição do alumno deve ser só uma, erecta, fixa, inamovivel.

Qual deve ser o mobiliario de uma sala de aula, enfretanto? O de uma casa de familia, em que estivessem os alumnos a vontade. Dewey accentuou admiravelmente essa particularidade, ao contar que, tendo procurado á balde um mobiliario adequado á escola ideal que planejava, nada encontrou e que, deante de suas informações, um negociante lhe falou: — Agora comprehendo a propria para os meninos trabalhar...

Isso comprova bem que o nosso systema de carteiras não corresponde aos novos ideaes educativos e que taes carteiras, forçadas a uma posição não natural, são proprias para fazer com que os alumnos não trabalhem, mas ouçam apenas.

O que acontece com o mobiliario tem acontecido com os programmas, que não são feitos de accordo com os motivos e interesses infantis, de accordo com a sua psychologia peculiar, mas de accordo com que os adultos acham mais necessario para a vida dos adultos.

Ora, isso é positivamente absurdo, porque, o mundo das creanças é inteiramente differente do mundo dos adultos e, como ha coisas que sabemos e comprehendemos e ellas não comprehendem, tambem as ha proprias das creanças e que nós de todo não podemos comprehendar. Basta para isso attentar nas perguntas das creanças e ver-se-á que ordem diversissima de cogitações é que ellas têm...

As materias contempladas nos programmas devem reportar-se aos interesses infantis e no interesse é que se baseia a ordem da classe, esse malavirão a que chamamos disciplina.

Com a velha organião, reprimidos nos seus mais legitimos desejos e nos seus instinctos e tendencias naturaes, os alumnos, por um instincto de conservação,

REVISTA DO ENSINO

76

agem, pulam, gritam, tagarellam, para não se atropharem de todo. Finalmente: si os alumnos são *indisciplinados*, no conceito em que se tem ordinariamente a palavra disciplina, a culpa cabe á organização da escola.

Dê-se-lhes liberdade de expressão, dê-se-lhes ensino para se moverem, para tagarellarem, para agirem e para satisfazerem a curiosidade, e o problema ficará resolvido.

O que a velha escola tem feito é collocar um homem, com paciência ou sem ella, deante de um grupo de meninos suffocados por uma organização inadequada — e, em vez de creanças que aproveitam realmente, a escola as transforma em verdadeiros *diabólicos*, na expressão de um dos assistentes...

Organização verdadeiramente inadequada, repete, e com razão: a escola antiga é feita e construída, de accordo com os ideaes dos adultos e como uma preparação para a vida. Esquece que as creanças devem viver integralmente a sua infancia. — Que a infancia é uma phase necessaria ao desenvolvimento geral da vida. Que uma vida sem infancia é uma vida truncada. Compara a necessidade de se viver infantilmente a infancia, com a feitura ou construção de qualquer obra: a infancia é como o alicerce de um edificio. Ora, a escola antiga não permite que as creanças se desenvolvam naturalmente, dando expansão a suas tendencias e inclinações, mas cercá-lhes a natureza, impondo-lhes o que lhe parece necessário como preparação para a vida.

O grande movimento escolar de nossos dias pode ser attribuido á deslocação do centro de gravidade da *disciplina* para as creanças. Toda a escola tem um fim e de accordo com elle se organiza: as creanças. Não as creanças consideradas como um todo, mas como individuos, isto é, creaturas diferentes uma das outras, e,

por isso, precisadas de tratamento, ensino e assistência differente. Emfim: as creanças não se devem adaptar á escola, mas esta a ellas.

Discutiu-se largamente sobre método, interesse, disciplina e sobre a organização que se deve dar á escola, em face dos novos principios.

2.ª AULA

Antes de dar inicio á sua segunda aula, a professora recomendou as seguintes obras, para que os novos assistentes apprehendam, de prompto, as novas directrizes da pedagogia: Ferrière, *L'école active*; Hamalé, *La méthode de Decroly*; Claparède, *Psychologie de l'enfant*; Tolstoï, *O crescimento mental*; Dewey, *Schools of tomorrow*, de que existe tradução hespanhola — *Las escuelas de mañana*.

Entrando no thema da aula, fez ligeiro summary do que dissera na aula anterior, acerca da educação considerada como desenvolvimento e crescimento. Como promover tal desenvolvimento sob o ponto de vista physico? Nossas escolas têm alcançado esse objectivo?

Muitas foram as respostas das e todos concluíram por dizer que a escola tem descuidado por completo o desenvolvimento physico das creanças. Os trabalhos, nesse sentido, devem convergir para que as creanças se desenvolvam naturalmente, como as plantas, isto é, de dentro para fóra. Quaes os pontos principaes a versar quanto ao desenvolvimento physico? Alimentação, liberdade de movimento, condições hygienicas, asseio corporal, sapatos, etc.

Taes pontos foram estudados e discutidos um a um, referindo cada assistente as condições peculiares do meio que conhece e sugerindo medidas para remediar os males.

Adveiu-se em que as nossas creanças são pessimamente alimentadas e muitas passam por indisciplinadas, indolentes ou insubmissas, quando no fundo não passam de creanças famintas. Muitos exemplos foram citados e não houve contestação a respeito do assumpto.

Para que se possam adoptar medidas conducentes á solução de taes problemas, resolveu-se que cada assistente, na proxima aula, suggestisse o que for de pratico e exequivel nesse particular.

Desenvolvimento mental

Quanto ao aspecto mental da educação, affirmou um assistente que a escola tem feito da memoria das creanças um verdadeiro armazem. Tem atrazado o crescimento mental das creanças, disse outro. A professora indicou os defeitos do ensino, nesse particular, e explicou que só pondo em jogo a observação, a iniciativa, o raciocínio das creanças — é que se lhes possa dar verdadeira educação.

Mas como alcançar esse objectivo? Propor trabalhos, provocar a curiosidade, satisfazer essa curiosidade, dar liberdade. Explicou-se a necessidade do ensino intuitivo. Sem raciocinar, não aprendem os alumnos a raciocinar. E não o fazendo, na infancia e na adolescencia, difficilmente cumprirão mais tarde seus deveres e não estarão aptos para resolver os problemas da vida e cooperar com a collectividade. Uma democracia tem necessidade de cidadãos livres, energicos, autônomos, que saibam pensar, resolver e agir por si.

A escola deve oferecer opportunidades para o exercicio das funções intellectuaes.

Desenvolvimento moral

A escola tem procurado desenvolver os alumnos, intellectualmente, mas tem seguido caminho errado. Moralmente, porém, nada

tem feito. O ensino de palavras, o ensino theorico pouco vale. O que deve fazer é dar aos alumnos ensino de agirem bem. Proporcionar situações naturaes em que as creanças se portem bem, pensem, resolvam e tomem attitudes boas e nobres, naturalmente, sem perseguição que estão procedendo bem.

3.ª AULA

A psychologia infantil

A professora fez ligeiras considerações sobre a necessidade de se fazer um estudo acurado da psychologia infantil e demonstrou que era absolutamente indispensavel conhecer a alma infantil, para bem desenvolvê-la. Aconselhou a leitura de Piiffault, William James, Claparède, Tolstoï, Binet.

Rousseau definiu essa necessidade perfeitamente. Mas como se chega ao conhecimento das creanças? Pela observação, sob o aspecto physico, intellectual e moral. Physico: exame medico, verificação de integridade dos orgãos, etc. Intellectual: pelo emprego de testes, sem exaggero. Moral: concessão de liberdade as creanças, para que se revelem: trabalhos escolares, que definem bem a psychologia infantil, como o desenho espontaneo; conversação do mestre com os alumnos, o que lhe permite conhecê-los na intimidade.

Mas si é necessaria a observação da creança, desde o nascimento, para a comprehender intellegendamente, a importancia dessa observação sobe de ponto dos 7 aos 12 annos, a idade escolar, época em que se travam relações entre o mestre e o discipulo.

A professora fez rapido estudo da infancia e da meninice, accentuando as differenças que caracterizam esses dois estadios da vida, e discutiu com os assistentes como a creança, desde a primeira infancia, reage aos estímulos exteriores. Falou de Thorndike e da sua theoria acerca dos

instintos infantis, e da corrente que se avoluma dia a dia nos Estados Unidos.

Advelu em que muitos instintos, tidos como tais por psicólogos, não passam de aquisições provenientes de experiências posteriores e não têm o cunho de hereditariedade que se lhes em presta.

O medo do escuro, por exemplo, a que se allude na obra de Toledo, não é absolutamente hereditário, mas é fructo de uma educação errônea.

Allude as experiências de Watson, que aproximou um coelho de uma creança. Essa não lhe teve medo. Outra vez, porém, associou um barulho á aproximação de um coelho. A creança atemorizou-se e bastava mostrar-lhe o coelho, mesmo desacompanhado de barulho, para se atemorizar....

Explicou claramente que para o conhecimento de seus alumnos, além da vida escolar e do contacto nas aulas e recreios, deve o professor procurar conhecer o meio em que elles foram creados e vivem, as suas condições de vida, a posição social de seus paes.

Voltando a falar da primeira infancia e do estado de semiconsciencia que a caracteriza, citou Thorndike e uma experiencia interessante, feita por adultos para a definir melhor: a de uma creatura, que, andando, se deixa em dado momento, ficar olhando para o céu, como que desprendida do mundo physico e desattenta á vida de sua consciencia.

Passou a estudar o processo do conhecimento, como se adquirem os conhecimentos, a função dos sentidos, a differença entre a sensação (idéa das qualidades da coisa) e a percepção (resultante de sensações, idéa da coisa em si).

Precisou bem a necessidade de educar os sentidos, para a aquisição de conhecimentos, e explicou que á creança deve conceder-

se a mais larga actividade, a qual deve ser provocada pelo interesse.

A curiosidade, por sua vez, merece muita attenção. Na infancia, época de attenção instavel, a curiosidade é muito viva. A creança, a todo instante, inquire o que é esta ou aquella coisa. Na meninice, época de attenção mais firme, a creança quer saber para que serve esta ou aquella coisa.

Cumprir responder, com cuidado, as perguntas das creanças, dando-lhes respostas satisfactorias e não matando a curiosidade, como as mais das vezes se faz entre nós.

Por outro lado, a attenção, em qualquer idade, depende do interesse com que as creanças encaram taes e taes factos.

4.ª AULA

Em continuação de sua aula anterior, a professora accentuou que não há, na consciencia, actividade de isolada, como primeiramente sensação, depois a unificação de sensações em percepções, em seguida a formação de imagens de memoria, concepções, idéas e finalmente a organização de tudo isso em processos de raciocínio; que a psychologia moderna não admite mais a velha theoria de um cerebro composto de "faculdades" mais ou menos independentes umas das outras. Todas as funções mentaes são hoje consideradas partes integrantes de um complexo unico e não podem existir isoladas. Si as estudarmos em separado, é apenas para facilitar o estudo e, talvez, um pouco, por tradicionalismo ou respeito ao passado.

Pedindo attenção para alguns dos pontos mais importantes da sua ultima aula, assignou que a divisão em periodos limitados por um determinado numero de annos, é também arbitrária e exclusivamente feita para base de ensino. É verdade que ha certas características que servem de ba-

se para esta divisão, mas as differenças individuais são tão variadas e profundas que nada se pode dizer em absoluto.

Assim, é preciso não esquecer nunca que, em cada individuo, o desenvolvimento é um processo continuo de mudanças successivas e não uma successão de periodos distinctos e differentes.

Em geral, o que se pode dizer é que as características da vida mental de cada periodo são determinadas pelas necessidades do periodo. Por exemplo, na primeira infancia, a falta de conhecimentos, juncto á tendencia innata para a actividade, dá lugar a uma grande accumulção de experiencias sensoriaes e motoras. Dahi se conclue que cada uma das phases da vida tem a sua razão de ser em si mesma e que a creança — não sendo um adulto em miniatura, mas sim uma creança — deve ser tratada como tal, não devendo nunca os seus educadores esquecer que quanto mais amplamente ella viver a sua vida de creança, de accordo com as tendencias e interesses naturaes da sua cidade, mais se desenvolverá e, assim, melhor tambem se preparará para a sua vida de adulto; e de que a suppressão de uma destas phases dará em resultado o atrophiamiento das que se lhe seguem.

Memória

A professora passou, em seguida, a tratar da memoria ou da capacidade que temos de conservar, reproduzir e reconhecer impressões anteriormente experimentadas. Accentuou a sua importancia: ella, como diz Binet, "é como um grande livro animado e intelligente, que abre por si mesmo suas paginas no lugar preciso, fornecendo ao ser pensante abundancia de materias com as quaes trabalha o seu pensamento."

Depois que diversos inspecções se manifestaram sobre a ma-

teria, enaltecendo todos o valor da memoria, a professora inquietou: Mas si a memoria é assim tão importante, porque se condemna a uma forma de ensino tendente apenas a desenvolvê-la?

Em discussão a materia, opinaram os inspectores, chegando á conclusão de que em muitas das nossas escolas o ensino é apenas verbal e que nem mesmo educa a memoria, visto que, sabidamente, o que devem ser guardados são os factos e imagens logicamente agrupados e não meras palavras sem significação real.

Educação da memoria

Passando, em seguida, a ventilar a these: — si a memoria pode ou não ser educada, a professora, antes de manifestar-se, ouviu os assistentes, estabelecendo-se em torno do assumpto grande controvérsia. A professora então lembrou que a questão tem sido muito debatida pelos psychólogos, e citou a opinião de William James que, depois de uma serie de experiencias consigo mesmo e com amigos seus, chegou á conclusão de que a memoria não é susceptivel de ser educada. Binet e outros psychólogos, concordando com William James em que a capacidade de retenção é nativa e depende da qualidade dos tecidos nervosos, acham, porém, que a memoria não escapa á lei geral, do desenvolvimento pelo uso e que "si o exercicio, a rigor, não augmenta a capacidade de nossa memoria, ao menos afina a arte com que nos servimos della".

Para nós pedagogos, accrescentou a professora, a questão não tem nenhuma importancia, uma vez que se admita a educabilidade da memoria. Ella é eminentemente educavel desde que se actue sobre seus factores. Quaes são estes factores?

Diversos foram suggeridos pelos discentes, sendo afinal agrupados pela professora na seguinte ordem:

— a saúde em geral.

— interesse

— boa compreensão daquilo que se estuda

— ordem lógica
— elementos de associação
— repetição.

Foram, então, discutidos estes factores, especialmente em suas aplicações ao ensino, concluindo-se que este precisa ser simples, concreto, intuitivo, para que as creanças o compreendam bem; que deve ser baseado em coisas que interessam á creança, visto como está, por sua própria natureza, só presta atenção ao que a interessa; sobretudo, que o ensino precisa ser activo, que as coisas ensinadas precisam ser repetidas, mas de maneira que agrade ás creanças; que o ensino deve partir sempre do conhecido para o desconhecido, de maneira que as idéas novas se associem ás antigas; que o ensino, além de intuitivo e activo, precisa ser também algo dramático, isto é, precisa apellar para o lado emotivo da creança, etc.

INSTITUIÇÕES ESCOLARES

1ª AULA

Generalidades

“Antes de se definir o que sejam instituições escolares e fixar qual a função que ellas exercem na escola, é necessário definir o que seja educação e o que seja ensinar.” — afirmou a professora Amelia de Castro Monteiro.

Um dos assistentes disse que ensinar é transmitir conhecimentos. Outro disse que é promover o desenvolvimento integral do individuo, sob o triplice aspecto physico, moral e intellectual.

A professora optou por esta ultima formula. A primeira é definitiva, pois só abrange a face intellectual.

Si educar é promover o desenvolvimento integral do individuo, — como educar? A escola, conforme está constituída, na sua forma classica, não abrange esse fim. Quando muito, transmite conhecimentos, dá noções. O ensino da moral, é, por exemplo, dado só por palavras, o da hygiene a mesma coisa.

É necessário dar aos alumnos hábitos bons de moral, de hygiene, etc., e é através das instituições escolares que elles podem adquirilos, fazendo-os, realizando-os numerosas vezes.

A escola deve ser um arranjo de condições que favoreçam o desenvolvimento dos alumnos. Para despertar certas faculdades latentes e estimular o crescimento de certas virtudes, ella tem, ao lado das aulas propriamente ditas, actividades extra-programma, — destinadas a dar aos alumnos, além da cultura intellectual, excellentes hábitos moraes.

Entre essas virtudes, que, particularmente, devem ser *criadas*, por assim dizer em nosso meio, distinguem-se a coragem de pensar e de dizer; a iniciativa, a liherdade, o espirito de cooperação.

Como desenvolver essas virtudes? Através das instituições escolares, que offerecem oportunidade para pratical-as e estimal-as.

Um jogo, por exemplo, planejado entre dois grupos de alumnos e em que o mestre se porte intelligentemente, numa attitude de espectador, sinão de collaborador, põe em actividade varias virtudes: a escolha do chefe, a organização dada ao partido pelos mais intelligentes, a coordenação dos esforços de todos em vista de um fim, — a cooperação, afinal.

A escola, mediante taes instituições, offerece excellentes oportunidades para agir bem e certo, como dentro da classe, faz exer-

cícios, quasi exclusivamente mentaes.

Taes oportunidades são proveitosas aos alumnos, que dellas se servem com interesse profundo, porque são situações reais e não artificiaes.

A escola, finalmente, mercê dessas instituições escolares, põe-se no mesmo nível da vida, une-se com a vida social, della não se dissocia e resolve o que o Regulamento Primario preconiza, adoptando o conceito de Dewey, “uma sociedade em miniatura”.

Toda a preocupação do mestre deve convergir, portanto, para que a escola mantenha um ambiente familiar, sereno e indulgente, em que os alumnos possam portar-se, com liberdade.

(Não pôde de modo algum descurar-se das instituições escolares e deve fazer dessas instituições conhecimentos hauridos em aulas (como, por exemplo, um cam-cursões), e, sobretudo, um campo de pratica assdua dos conhecimentos hauridos em aulas de pratica de virtudes essencialmente efficientes e, por isso, util a collectividade e que vem a ser a iniciativa, a coragem, a cooperação (escolheirismo, jogos, jornaes, conselhos de estudantes, familia escolar, clubs, etc).”

2ª AULA

Antes de entrar propriamente no thema do dia, a professora fez ligeira recapitulação do que affirmara na aula passada e fixou bem o objectivo da escola — o de preparar cidadãos. Para que dê aos alumnos esse conjunto de qualidades que formam um cidadão, é necessário que a escola os treine, lhes proporcione ensino de praticarem as acções sociaes e adquirirem hábitos sociaes.

Como pode a escola alcançar esse objectivo? Sendo uma projecção da sociedade, isto é, organizando-se como uma sociedade, dando aos alumnos situações

reaes para agirem bem e naturalmente.

A instrução, as informações, o conhecimento de muitas coisas não bastam: faz-se mister que o alumno adquira certas virtudes, praticando-as, porque a collectividade não quer saber do grau de sua cultura, mas da sua eficiência.

Ora, a parte dos trabalhos escolares destinada a desenvolver essas virtudes e a consolidar esses hábitos está justamente nas instituições escolares.

Liberdade

Quiz a professora também definir o que, seja a liberdade. Combateu o conceito ordinario dessa palavra: desordem, anarquia. A liberdade que se deve conceber aos alumnos é precisamente a geradora da disciplina. Mas, como? Põe-se os alumnos na condição de fazerem o que devem e não o que querem.

Mas o meio de se alcançar essa liberdade, que não deve degenerar em desordem, é alliar a ao interesse, á responsabilidade e ao trabalho.

Ha escolas norte-americanas em que os alumnos não têm posição definida: sentam-se no chão, trepam nas cadeiras, tomam, afinal, a attitude que lhes convem. Entretanto, ha proveito. E, que o interesse os prende ao trabalho e o importante numa escola é que aproveitem e trabalhem e não assumam a posição inflexivel que se lhes usava determinar.

A professora pensa, comtudo, (e essa é apenas uma opinião) que não se pode conceder de uma só vez essa liberdade, sobre tudo quando as creanças foram educadas sob a velha disciplina. Cumprirá a professora manter-se, permanentemente activa e alerta, acompanhando, com cuidado, a actividade da escola e evitar as consequências como também as penal-as e comprehendel-as desde

Além dessa função positiva de sugerir e consolidar hábitos saudáveis, têm as instituições uma outra função de relevo: preenche as horas vagas dos alunos e ocupa-os em actividades de proveito, furtando-os à má companhia, às depredações, à vagabundagem, ao vício.

Objectivos das instituições escolares

As instituições escolares são muito adequadas a dar aos alunos os hábitos sociais necessários para a que venham a ser úteis a collectividade. Offerecem occasiões favoráveis de agir por si e enobiliar relações sociais. Despertam o amor e o interesse pela escola. Os alunos, participando dos trabalhos escolares e velando pelo bom nome como pela eficiência do estabelecimento, sentem-se um pouco donos do estabelecimento. E' a sua escola. Desenvolvem, fazendo parte das instituições, a iniciativa, a coragem, a lealdade, a sympathia, a confiança em si, a tolerancia, o respeito pela personalidade alheia, o espirito de cooperação, a ordem adquirida nos jogos, a estabilidade emocional, que lhes permite receber serenamente o applauso e a censura, o destemor de afirmar e de negar, a coragem de affronter os apupos e o ridiculo, a coragem de emitir opiniões e de receber a critica dos outros, o dominio de si proprio, o desenvolvimento physico, o bom humor, a alegria, o convívio de ambos os sexos, o porte correcto, etc.

Só através dos trabalhos em commun, completamente autonomos, é que os alumnos podem desenvolver essas virtudes, realmente indispensáveis para os cidadãos de uma democracia.

Estudou a importancia dessas qualidades e mostrou como os alumnos as conseguem, através das instituições escolares.

A nossa educação tem sido autocratica, porque a disciplina entre nós remanece ainda a formal, a militar, a napoleonica. Tal disciplina abafa e soffoca todas as boas virtudes, como desperta certos defeitos, como a dissimulação, a deslealdade, a passividade.

Finalmente: si se quizer formar cidadãos efficientes, através das escolas, é necessario dar a estas uma organização democratica, uma "sociedade em miniatura" no conceito de Dewey, em que cada alumno tenha a sua função determinada, livre em pensar e em agir.

Foi a seguinte a bibliographia que recomendo, concernente ao assumpto: Cabbetty: *The Principal and his school*; Cox: *Creative School Control*; Foster: *Extra-curricular activities in High School*; Meyer H. D.: *Hond-book of Extra-curricular activities*.

3.ª AULA

Outros objectivos

Continuando a estudar os objectivos das instituições escolares, a professora Amelia de Castro Monteiro ajuntou aos já enumerados em aulas anteriores, — mais os seguintes:

a) Alimentar o sentimento da lei e da ordem. Não se pode nem se deve impôr ordem a uma classe: a ordem imposta é sempre a peor. E' sempre um desafio: convida os alumnos a transgredil-a. Só através do trabalho, e este provocado pelo interesse, é que se consegue a disciplina. As instituições, prendendo a creança á escola, facilitam de muito a disciplina e a ordem.

b) Dar aos alumnos qualidades de commando. Tais virtudes são essenciaes numa democracia. E não se adquirem, praticando palavras, mas fazendo e praticando actos, como na constituição de um conselho de estudantes, de um auditorium, das excursões, dos clubs.

c) Dar aos alumnos o habito da responsabilidade. Capacital-os de que, assim como têm deveres a cumprir, têm direitos a exigir, como os adultos. Si não adquirem tais habitos, praticando accões boas, na infancia, se tornarão mais tarde cidadãos inefficientes. Para isso, é necessario que se dê a todos os alumnos ensino de participação das instituições escolares. Não escolher taes e taes creanças, nem excluir taes e taes, mas proporcionar iguaes direitos e oportunidades a todos os alumnos.

d) Dar aos alumnos oportunidades de se revelarem. E' através das instituições escolares, nos jogos, clubs, excursões, etc., que as creanças se revelam taes quaes são, nas suas virtudes como nos seus defeitos. Uns, que têm passado por maus alumnos, revelam talento especial para desenho, para musica, etc.; outros, para a litteratura; outros para a mechanica, para a electricidade, etc.

Cumprir ao mestre observal-os cuidadosamente, nessas horas de expansão, para aproveitá-los bem.

e) Auxiliar o trabalho regular da escola. As instituições escolares não têm por fim recrear, alegrar e divertir os alumnos. Devem sair do programma e voltar para elle. Um club de sciencias resolve desenvolver um ponto do programma. Os alumnos ajuntam materias, estudam, classificam. A professora lembra-se de sessões de auditorium, em escolas norte-americanas, em que as creanças do oitavo anno escolar estudaram pontos interessantes, com material preparado por ellas proprias.

Taes estudos, realizados pela iniciativa dos alumnos, intensificam e alargam o interesse pelas materias do programma.

Boas qualidades das instituições

a) Devem ser educativas e só o são, quando desenvolvem certas qualidades dos alumnos, como a

lealdade, a solidariedade, a intelligente obediencia a auctoridade.

b) Devem dar ensino á expansão das differenças individuais acima alludadas.

c) Devem fazer parte do horario escolar, para as creanças não as considerarem como uma sobrecarga, que aborrece e cansa.

d) Deve o professor agir como guia e não coartar a iniciativa das creanças. Deixal-as agir, e não fazel-as agir, como titeres. O dominio absoluto do professor, a sua orientação exclusiva deturparão de tal maneira as instituições, que será melhor não as crear.

e) O professor deve tomar parte nas instituições. Do zelo, dedicação, entusiasmo e amor dos directores e professores dependem as instituições escolares. Nos contractos que de seu serviço fazem os professores norte-americanos, especificam-se expressamente as instituições de que podem encarregar-se.

Os assistentes technicos têm a grande missão de orientarem, nesse sentido, os professores, para insersal-os na pratica das instituições escolares.

Auditorium

Passando a estudar o auditorium, frisou claramente que um dos fins do auditorium é ligar a escola á sociedade, mas o principal fim é desenvolver certas qualidades dos alumnos: iniciativa, coragem de opinão e de emitil-a, organização, educação esthetica, conhecimento do Regulamento e da vida escolar, formação do espirito da escola.

Além disso, é um bom emprego para as horas de lazer, porque pre-occupa os alumnos com interesses elevados e superiores, ao invés de os deixar na rua, a fazer depredações.

Travaram-se varias discussões na aula e chegou-se ás seguintes

conclusões, que serão completadas na próxima aula:

O auditorium não é uma festa. E' um dos meios de que a escola dispõe para educar as creanças. Deve ser feito principalmente pelas creanças. Deve ser dentro do horario escolar. E' uma funçao meramente escolar e tudo o que nella se fizer tem por fim desenvolver certas qualidades das creanças, como iniciativa, lealdade, responsabilidade, etc., já alludidas em aula anterior. Deve ser, quanto possivel, assistido pelas familias do local, mas é essa uma condiçao secundaria.

Tal como se tem feito entre nós, não é auditorium: é um festival, que fadiga imensamente o director e os professores, e não alcança os fins que tem em vista.

4." AULA

A professora tornou a fazer considerações sobre as utilidades e os objectivos das instituições escola- res, classificando taes utilidades como de ordem administrativa e ordem propriamente educativa.

Quanto à utilidade de ordem administrativa, referiu-se ao conhecimento do Regulamento, à propagação da escola, ao cultivo da tradição na escola, à formação do espírito da escola, laço amistoso que une as suas varias partes componentes, como também o passado ao presente e ao futuro da escola. Quanto à utilidade educativa, fez demonstrada ponderação sobre as qualidades e poderes psychicos e physicos que as instituições põem em jogo e desenvolvem, muito particularmente a iniciativa, a lealdade, o interesse pela escola, a coragem de pensar por si, o desembaraço de attitudes e actos correctos, numa assembléa, educação esthetica, ligação da escola á comunidade, propaganda da instrução, com a apresentação dos resultados trabalhos escolares.

Auditorium.

Tratando, mais cuidadosamente, do auditorium, instituição adoptada pelo nosso Regulamento, assim se manifestou quanto á sua organização:

- 1) — Deve ser planejado com antecedência e cuidadosamente. Num grupo, pôde-se tomar o alvitre de escalar professores para tal e tal auditorium, de maneira que se distribua o trabalho igualmente para todos. Algumas escolas norte-americanas preparam para o anno todo, mas tem isso o inconveniente de se desprezar um assumpto interessante do momento, que acaso preoccupa os espiritos.
- 2) — O director e os professores devem agir com enthusiasmo, zelo e interesse na preparação do auditorium. E' certo que os trabalhos devem ser feitos pelas creanças, mas o corpo docente deve revelar o maior interesse e dar a maior importância a essas reuniões, tomando parte, todas as vezes que se fizer necessario.

- 3) — O programma, quanto possível, deve ser executado pelas creanças.
- 4) — Devem-se convidar os pais e as famílias dos alumnos, todas as vezes que fôr possível. O fim é ligar a escola á comunidade, e agir sobre essa comunidade, no sentido de elevá-la.
- 5) — Deve ser realizado uma vez por semana e em uma hora no máximo. O Regulamento determina duas vezes por mez e por duas horas. Não é necessario que se extenda a duas horas e pôde realizar-se a miúdo, com menor espaço de tempo.
- 6.º — O ideal é reunir todos os alumnos do grupo, mas não se podendo, deve-se reunir o maior numero possível. A falta de sala não é obstáculo ponderavel. Desdobrem-se em turmas e tenha cada uma o seu auditorium, mesmo de extensão reduzida. O pátio, o cinema local, etc., podem bem servir para o auditorium.

7) — Todas as escolas isoladas e todos os grupos devem realizar o auditorium, como pôr em pratica as outras instituições escolares, elementos indispensaveis á formação espirital da infancia.

- 8) — Na organização e decoração da sala, na recepção do pessoal, na cópia e feitura material dos programas, na direção e ordem dos trabalhos, etc., devem ser ocupados os alumnos.

9) — O auditorium não é uma festa: é um trabalho escolar, com fim educativo. Não é exibição nem de professores nem de crianças. É um exercício escolar, de vantagem excepcional, como já se disse.

- 10) — O director deve presidir, de vez em quando, para manter a solemnidade do auditorium e quebrar a monotonia.

Programma

O programma do auditorium, repetiu, não tem caracter festivo. E' natural que agrade as creanças, porque deve ser feito para as re-crear e educar, e, por isso, deve ser alegre e mesmo humoristico

Deve evitar a serie interminavel de recitativos e hymnos, quasi sempre com as mesmas creanças.

Deve conter avisos, conselhos e instruções do director, para o bom cumprimento do Regulamento, mas não pôde degenerar essa parte em uma serie interminavel de representações e de ordens.

Todos os números do programa devem interessar às creanças e ser elaborados de acordo com a capacidade dellas. Uma conferencia scientifica, feita por medico, que antes quer falar ao publico, do que aos pequenos, uma conferencia, que não seja, afinal de contas, uma aula, não tem razão de ser no auditorium.

A execução do programa deve começar prontamente, porque, estando no horário escolar e sendo um trabalho escolar, o director, os

professores e os alunos devem esperar a postos a todo momento.

Pessoas de fora podem participar da execução do programa, e de maneira excelente, desde que se submetam às condições da psicologia infantil, imperativos e necessidades.

Tiños de programa

Os programas podem reduzir-se a duas classes: mistos e específicos. É específico, quando consta de uma só ordem de trabalhos: música, gymnastica, etc. Misto é o contrário, em que ha numeros de musica, gymnastica, dissertações, exposições, etc.

Eis os principaes typos de pro-
gramma:

- 1) Musica: Carto, piano, orchestra, dança, hymnos, victrola, etc.
- 2) Avisos, preleção pelo director ou por uma professora, sobre assumptos de interesse da escola, prececida ou não de hymno (bom para o começo do anno).
- 3) Paseado no trabalho das classes, como: um centro de interesse sobre a vida dos indios, o estudo do leite, do milho, etc.
- 4) Narração de uma excursão ou viagem. Experiencias de physica ou chimica.
- 5) Exercícios de gymnastica, drills ou danças regionaes, etc.
- 6) Exposição dos trabalhos das ffeiras (proprio para o começo do anno).

- 6) Poemas, historias, dramatizações, etc.
- 7) Cinema ou lanterna.
- 8) Dramatização, pequenas comedias, etc.
- 9) Sessão civica.
- 10) Historia e geographia (conversa sobre outras terras e povos, illustradas com lanterna; conversa sobre outra localidade, por alguém que já viveu nella ou a visitou.
- 11) Assumpção; relativos á saúde, hygiene local, etc.

Entre os assumptos adequados ao "auditorium", podem ser lembrados:

Cruz Vermelha;
Prompto soccorro — com demonstrações;
Mosquitos;
Alimentos descejavais e indesciáveis — modelo de refeição;
Acontecimentos mundiaes, invenções; oradores ou cantadores alheios à escola; correio — o que acontece com sua carta;

Palestra sobre viagem, illustrada com gravuras;

Regulamento do transito;

Evitar accidentes;

Trabalho dos clubs;

Como a natureza protege os animais;

Estructura das plantas e animais;

Cobras, passaros, flores, peixes, etc.;

Dracmatização de leitura ou historia;

Demonstrações physicas;

Debate: O automovel é mais util do que o cavallo?

Musica;

Férias dos nacionaes;

Homens celebres, suas obras;

A vida dos indios;

Jogo de arithmetica;

Telephone, sua historia, como foi inventado.

Assumptos particularmente adequados ás nossas escolas são, por exemplo, os seguintes:

Os bandeirantes;
A historia do milho — com dracmatização desde os processos antigos até os mais modernos;
Gymnastica, drills e dansas;
Portadores de germens (illustrado com lanternas);
Importancia da agua filtrada;

Leite, importancia como alimento; lanterna — cinema;

Concerto de victrola — selecção por voto dos alumnos;

Contar historia pelo club de leitura;

Quadro vivo de uma pintura celebre;

Qualquer dos productos principaes do paiz: café, cacão, borracha, assucar, algodão, etc.

Exemplos

Tratando das sessões de "auditorium", a que logrou assistir nos Estados Unidos, a professora mostrou o tipo de uma dellas:

Assumpo — Actividade das férias. (Foi encarregado do "auditorium" o club de sciencias). As creanças chegam em perfeita ordem e vão para os logares indicados pelos dirigentes. As professoras sentam-se junto a ellas. Cantado um hymno escolar, a professora lê alguns avisos e recommenda aos alumnos antigos que procurem guiar os seus novos collegas no edificio escolar.

Diz o horario dos exercicios de natação, indaga dos que desejam trabalhar nas officinas e divulga tambem o respectivo horario, etc. Lê, ainda, o nome dos alumnos que devem ir ao palco para mostrarem o que fizeram nas férias.

Segue-se a exposição dos trabalhos. Um alumno mostra o quadro que pintou na Suissa. Outro explica as actividades do club de sciencia, sobre insectos, passaros, ninhos, etc. Uma alumna expõe os materiaes que colleccionou: conchas, pedras, insectos, e faz considerações a respeito. Alguem na sala mostra ignorar o que é uma concha; a menina informa qual o livro em que elle poderá ler algo sobre a materia.

Outro tipo de "auditorium" observado: O Japão. Dramatização de estudos feitos. Exposição de quadros pintados pelas creanças, de bonecas que ellas enrouparam

estabelecer por meio do "auditorium" e dos clubs.

Resolveu-se tambem que a professora ou as professoras encarregadas do programma escolham os alumnos e os trabalhos a serem apresentados, dentre todas as classes, orientadas pelas professoras das mesmas.

Clubs

Entrou-se no assumpto do dia, os clubs.

Os clubs são instituições muito uteis e se applicam perfeitamente á escola primaria. Favorecem grandemente o desenvolvimento moral, physico e intellectual da creança. A sociedade muda (as necessidades sociaes são diferentes) e nós continuamos a desenvolver a intelligencia, descuidando das necessidades sociaes do individuo. Os clubs não devem, pois, ser só de caracter scientifico, mas moral e social.

Assim como as outras instituições, os clubs devem ser adaptados á idade das creanças e aos interesses proprios dessa idade. Assim, é utopia fundar no 1.º anno um club de litteratura ou de historia patria. E' importantissimo que as creanças sintam o desejo de formar o club. Muitas vezes a professora terá de crear uma situação suggestiva.

Utilidade dos clubs

1. Os clubs alargam os interesses dos alumnos. O uso das horas vagas torna-se mais importante na actualidade, desde que o progresso economico e social tem diminuido o trabalho, aumentando as horas de descanso. O intelligente emprego das horas vagas depende do numero, da variedade e do valor dos interesses e da oportunidade para expressal-os.

Toda creança tem interesse (limitado na primeira idade) e a escola deve proporcionar meios para desenvolver os exploratorios e guial-os.

5.ª AULA

Lembrando o assumpto da ultima aula, a professora convidou os assistentes a apresentarem seus problemas, duvidas, ou planos.

Um delles le seu trabalho, mostrando judiciosamente, a necessidade de se modificar a mentalidade de nosso povo quanto á dignidade das profissões.

O nosso povo dá muito apreço á posição social, sem considerar as qualidades pessoas do individuo: assim, despreza um carroceiro e um pedreiro, que são talvez mais dignos do que seus superiores, não considerando tambem a interdependencia dos individuos, cada um contribuindo com sua parcella para o bem da collectividade.

A professora mostra que tiveram alli um numero de "auditorium" e que puzeram em pratica a collaboração e o respeito á personalidade alheia, ouvindo e considerando uma idéa que vem se juntar ás nossas, enriquecendo-as, melhorando-as e assim nos conduzindo ao progresso e bem estar de todos.

Todos concordaram em que a dignificação das profissões pode-se

Nas escolas ruínas, esses interesses se manifestarão diferentemente, isto é, relativos à casa e à família (animais, arvores, costura, arte culinária, etc.).

2. Motivam o trabalho da escola. Os clubs são muitas vezes ligados às matérias do programma. Assim os de sciências, de geographia, de hygiene, de jogos, etc., enriquecem o estudo e desenvolvem o gosto pelas diversas disciplinas; pois é um trabalho mais espontâneo, menos formalizado que o da classe.

O club e a classe se completam. 3. *Desenvolvem iniciativa, curiosidade e observação.* Em procurar informações e material, em estudar para seu club, a creança põe em prática essas qualidades.

4. *Favorecem a descoberta das diferenças individuais.* O club é caracterizado pela espontaneidade, portanto explora os interesses peculiares a cada creança, isto é, suas tendências e aptidões.

5. *Prática da cooperação.* Trabalhando juntos para o mesmo fim, cada um contribuindo com sua parte de energia, de ideal e de boa vontade.

Como se organizam

Nas escolas secundárias, os clubs obedecem a uma organização mais complicada e desenvolvida. Nas escolas primárias, deve ser a mais simples possível.

Pode cada classe separadamente ter seus clubs.

Podem dividir-se as creanças em dois grupos, de adiantamento e interesses mais ou menos análogos: 1.º e 2.º anno — 3.º e 4.º, pertencendo aos mesmos clubs.

Os clubs podem, ainda, abranger toda a escola. Neste caso deverá haver hora e sala designadas para as reuniões, em dias destinados, de sorte que um alumno possa pertencer a dois clubs.

Cada club terá uma professora para conselheira e guia, a qual poderá ser escolhida pelas creanças

ou indicada pelo director, para chefiar o club, de accordo com seus interesses e capacidades pessoais; assim, a professora que sabe e gosta de musica, deve dirigir esse club. Esse professor, não deve exercer acção dictatorial. Tudo isto depende da organização geral da escola e do numero de alumnos.

A hora das reuniões deve estar fixada no horario, uma vez por semana ou quinzenalmente, dependendo tambem da organização geral da escola. Não toma tempo aos estudos, como pode parecer; ao contrario, é um poderoso auxiliar delles, pois enriquece a materia a que está ligado, por meio das informações colhidas e é excellente exercicio de linguagem.

Durante as reuniões, as creanças que não pertencem ao club, devem se occupar de algum trabalho. O club deve ter estatutos, por mais simples que sejam: nome, fins, requisitos para membros, deveres dos membros, actividade, etc.

Pode tambem ter distinctivo. A directoria deve ser eleita pelas creanças.

Typos de clubs

Lista suggestiva de alguns clubs, para a escola primaria:

1 — Lettura; 2 — Saude; 3 — Geographia; 4 — Historia; 5 — Passaros; 6 — Agricultura ou Jardinagem; 7 — Botanica; 8 — Modelagem; 9 — Bordados; 10 — Flores; 11 — Canto (ou musica); 12 — Narrativa de historia; 13 — Assumptos correntes; 14 — Arvores; 15 — Costura; 16 — Pedreiros; 17 — Carpinteiros; 18 — Sports (em geral); 19 — Educação physica; 20 — Pintura; 21 — Poesia; 22 — Sciencias naturaes (em geral); 23 — Obras beneficentes.

Club de ordem — Descrição de uma sessão: Classe de 3.º anno. As creanças sentam-se em circulo; entre ellas, a professora; ao lado desta ficam a presidente, o secretario e o vice-presidente; a presidente levanta-se e diz que o secreta-

rio vai ler os trabalhos do club. Depois da leitura, proposta são feitas; os que approvam, levantam a mão direita; a presidente conta-os e o secretario registra sim ou não, conforme o numero.

Relatam as occorrencias da semana, relativas à disciplina, ordem, boa ou má conducta. Aquelles que querem falar levantam a mão e a presidente dá a palavra. A professora só fala para orientar e aconselhar os meios de corrigir os infractores da ordem.

ORGANIZAÇÃO PEDAGOGICA

1.ª AULA

Função da escola primaria

A professora Lucia Schmidt Monteiro de Castro estudou, com os assistentes, o que é a escola primaria e qual a sua função.

Transmittir conhecimentos, assegurar uns; desenvolver as facultades dos alumnos, affirmar outros; preparar os para a vida, para por si se encaminharem, dissem alguns outros.

Foram examinadas todas as asserções e discutidas com cuidado, como criticadas pela professora, que assim definiu a função da escola: preparar o individuo para melhorar o caracter de seu procedimento, isto é, as condições de seu procedimento.

Para tal fim, faz-se mister um estudo accurado dos individuos que se ensinam, conhecer-lhes os poderes, as tendências, o lastró que pela hereditariedade lhes foi transmitido. Conhecidos taes poderes e tendências, devem ser canalizados, corrigidos, e dirigidos, evocados uns, estimulados outros.

Corrigem-se e canalizam-se taes inclinações e tendências, transformando o meio e criando condições favoráveis.

Mas das suggestões dos assistentes, uma parte é verdadeira: preparar para a vida. Não se deve to-

mar ao pé da letra tal conceito, porque qual vida ha de ser a dos educandos e em que condições ha de transcorrer? Ha mudanças constantes na vida social e cada anno traz modificações, mercê do surto vertiginoso do progresso.

Invenções, instituições, movimentos sociaes transformaram, por vezes, de todo em todo o ambiente.

Mas, mesmo tomando-se ao pé da letra, o melhor meio de se preparar para a vida é viver efficientemente o momento actual.

Enfim, como se disse, é aproveitavel a suggestão e a professora completou a definição do fim da escola, da maneira seguinte: preparar o individuo para a vida e melhorar o caracter do seu procedimento.

Para isso, a escola deve ter em vista formar a reformar os individuos que se lhe confiam.

Passou-se, depois, para a conceituação da educação, como desenvolvimento do individuo, sob os aspectos physico-intellecual, moral e social. Explanou a professora o aspecto social, a sua importancia e a sua significação. Como um dos assistentes affirmasse que o aspecto social está incluido no aspecto moral, definiu-se claramente o que se entende por um do outro, pois o moral desenvolve o individuo como individuo e o social como membro de uma collectividade, por cujo bem deve propugnar.

Igualmente, discutiu-se largamente sobre a instrução e a educação, qual o campo de uma e outra, concluindo-se que a instrução é apenas uma parte da educação e que não é verdadeiro o conceito de que ha individuos educados e não instruidos. Ha-os instruidos e não educados. A reciproca, porém, não é verdadeira.

Accentuou-se bem o papel que exercem a infancia e a adolescencia no desenvolvimento do individuo, não podendo nenhuma delle ser truncada ou falsificada.

Passou-se, afinal, a discutir como a escola pôde exercer a sua